Cadernos de Literatura em Tradução nº. 1, p. 37-40

O *Soneto CXII* de Du Bellay: Duas Novas Tentativas

Ivan Justen Santana

De início não quero me deter muito para rechaçar a afirmação de que "a poesia é intraduzível". A esse respeito declaro simplesmente que não só é possível traduzir poesia como também que as possibilidades na tradução de um poema para qualquer outra língua (ou mesmo para a mesma língua do original) são infinitas.

A poesia, para mim, é uma forma muito especial de energia, e um bom poema é um pedaço de matéria (esta também especial) potencialmente carregado com essa energia. Traduzir seria transformar a matéria ao mesmo tempo em que se tenta conservar nela a carga original de poesia.

Essa tarefa no mais das vezes exige imenso esforço para pequeno rendimento, como poderá comprovar quem se dispuser a enfrentá-la com seriedade. Seu ponto-chave, me atrevo a dizer, está exatamente na tentativa, que pode ser repetida, e não no eventual resultado, quase sempre frustrante, porque definitivo.

Assim, ao invés de propor, como já fizeram vários teóricos e praticantes da tradução de poesia, termos como transcriação, adaptação livre, recriação, transluciferação, entre outras bizarrias interessantíssimas, sugiro chamar tal tarefa apenas de tentativa, destacando que ao multiplicá-la aproveitam-se melhor as infinitas possibilidades que ela oferece.

Uma sugestão que veio tanto do prazer com que leio e comparo diversas traduções do mesmo poema quanto das minhas tentativas nesse campo, duas das quais apresento a seguir.

Si notre vie est moins qu'une journée
En l'éternel, si l'an qui fait le tour
Chasse nos jours sans espoir de retour,
Si périssable est toute chose née,

Que songes-tu, mon âme emprisonnée?
Pourquoi te plaît l'obscur de notre jour,
Si, pour voler en un plus cler séjour,
Tu as au dos l'aile bien empenéee?

Là est le bien que tout esprit désire,
Là le repos où tout le monde aspire,
Là est l'amour, là le plaisir encore.

Là, ô mon âme, au plus hault ciel guidée,
Tu y pourras reconnaître l'Idée
De la beauté qu'en ce monde j'adore.

Este soneto foi publicado por Joachim du Bellay (1525-1560) em 1550, em Paris, e foi objeto de uma exaustiva análise lingüística feita por Roman Jakobson[1]. A partir dela, munido de um dicionário de francês e muito espírito esportivo, fiz duas tentativas deste poema em português.

Posteriormente descobri que o soneto já tinha sido traduzido para nossa língua por Cláudio Veiga[2], com o seguinte resultado:

Se ao pé da eternidade nossa vida
É quase nada e os anos que se vão
Arrastam nossos dias sem perdão,

1 JAKOBSON, Roman. *Poética em ação*. (org. João Alexandre Barbosa) São Paulo: Perspectiva, 1990. (pp. 77-108)

2 VEIGA, Cláudio. *Antologia da poesia francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1991. (pp 74-75)

E se o que vem à luz vai de vencida,
O que esperas ainda, alma sofrida?
Por que te apraz da vida a escuridão,
Se pra alcançar mais lúcida mansão,
Uma asa tens às costas estendida?
É lá que existe o bem que a alma deseja,
Lá toda a paz por quem o mundo almeja,
O verdadeiro amor, delícia tanta!

E lá, minha alma, te elevando ao céu,
Hás de reconhecer, então, sem véu,
A idéia da beleza que me encanta.

Eis, então, para o cotejo dos leitores, as minhas duas tentativas. A primeira tentou seguir de perto o significado do original, enquanto a segunda não assumiu nenhum compromisso. Gosto de pensar que a tradução perfeita está num limbo entre essas duas abordagens, inatingível até prova em contrário. Senão vejamos:

Se nossa vida é menos do que uma jornada
No infinito, se o ano que se reinicia
Nos leva os dias só deixando nostalgia,
Se qualquer coisa ao nascer já está condenada,

Com o que tu sonhas, minha alma aprisionada?
Por que te agrada a escuridão do nosso dia,
Se a fim de voar a mais brilhante moradia
Tu tens no dorso essa asa tão bem empinada?

Lá está o bem que todo espírito deseja,
Lá está o repouso que todo mundo almeja,
Lá o amor, lá o prazer também tem o seu canto.

Lá, ó minha alma, guiada ao céu mais altivo,
Reconhecerás ali o Ideal mais vivo
Da beleza, que neste mundo eu amo tanto.

...
Se a nossa vida não passa duma noitada
comparada ao eterno, se o ano zera os dias
comendo o tempo sem deixar gosto de nada,
se carnes hoje quentes logo acabam frias,

que delírio é esse, hein, minha alma amarrada?
Por que tão alegrinha nas tardes vazias,
se pra estar pronta pra folia imaginada
você vai costurando tantas fantasias?

Festa (!) onde a presença de espírito é bem-vinda,
festa onde há sossego e também o diabo a quatro,
festa onde existe prazer e existe amor ainda,

festa, ô minha alma, onde o seu fino trato
pode reconhecer aquela Idéia linda
que aqui mesmo no mundo cão eu idolatro.